

MEMÓRIAS, LETRAMENTOS E INVISIBILIDADES DE MULHERES IDOSAS NEGRAS

Jeferson Mundim de SOUZA

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Resumo

Memórias, letramentos e invisibilidades de mulheres idosas negras é um recorte da Tese de Doutorado “Memórias e letramentos de idosos: a leitura e a escrita como processo de formação identitária”, que apresentam suas histórias, perseguidoras de sonhos, acessos a processos de aprendizagens, na dimensão de uma sociedade que se apresenta como ideal para todos, sem distinção escolar, etária ou de gênero. Essa perspectiva é contraditória diante das narrativas rememoradas, que descrevem sua subalternização aos inúmeros trabalhos na infância e suas lutas diárias para encontrar-se com os letramentos, que, de fato, as visibilizam e denunciam uma sociedade que sempre as ignorou ou mesmo não as respeitou em seus direitos sociais, invisibilizando-as. Nelas, as mulheres idosas negras, rememoram um passado de muitas invisibilidades e descontentamentos com as palavras escutadas e vividas. Mulheres negras, lavadeiras, benzedadeiras, empregadas domésticas, que desde a infância lutam para conquistar seus espaços de fala por meio de saberes populares, em espaços de letramentos e de seus aprendizados de herança ancestral. O objetivo é evidenciar os percursos formativos, invisibilidades pelo fato de serem mulheres e as práticas sociais de letramentos vividas em contexto. O perfil de nossa pesquisa é de natureza qualitativo-etnográfica com a história oral e de vida. Como metodologia, utilizamos a etnografia e um roteiro de entrevista semiestruturada. Os resultados são lutas de reexistência histórica afrodescendente identitária que desejam sentir-se parte de uma comunidade que vive a vida letrada e visibilizada, revelando suas vozes que denunciam e exigem os mesmos lugares e espaços de fala.

Palavras-chave: Memórias; Letramentos; Mulheres Idosas Negras; Invisibilidades.

MEMORIES, LETTERS AND INVISIBILITIES OF ELDERLY BLACK WOMEN

Abstract

Memories, literacies and invisibilities of elderly black women is an excerpt from the Doctoral Thesis “Memories and literacies of elderly people: reading and writing as a process of identity formation”, which presents their stories, pursuers of dreams, access to learning processes, in the dimension of a society that presents itself as ideal for everyone, without school, age or gender distinction. This perspective is contradictory to the remembered narratives, which describe their subordination to countless jobs in childhood and their daily struggles to find literacy, which, in fact, make them visible and denounce a society that has always ignored them or even did not respect them. their

social rights, making them invisible. In them, elderly black women recall a past of many invisibilities and dissatisfaction with the words heard and lived. Black women, washerwomen, faith healers, domestic workers, who since childhood have fought to conquer their spaces of speech through popular knowledge, in spaces of literacy and their ancestral heritage learning. The objective is to highlight the training paths, invisibilities due to the fact that they are women and the social literacy practices experienced in context. The profile of our research is qualitative-ethnographic in nature with oral and life history. As a methodology, we used ethnography and a semi-structured interview guide. The results are struggles for historical re-existence of Afro-descendant identity who wish to feel part of a community that lives a literate and visible life, revealing their voices that denounce and demand the same places and spaces of speech.

Keywords: Memories; Literacy; Black Elderly Women; Invisibilities.

MEMORIAS, ALFABETIZACIONES E INVISIBILIDADES DE MUJERES NEGRAS ANCIANAS

Resumen

Memorias, alfabetizaciones e invisibilidades de ancianas negras es un extracto de la Tesis Doctoral “Memorias y alfabetizaciones de personas mayores: lectura y escritura como proceso de formación de identidad”, que presenta sus historias, perseguidoras de sueños, acceso a procesos de aprendizaje, en la dimensión de una sociedad que se presenta como ideal para todos, sin distinción de escuela, edad o género. Esta perspectiva es contradictoria con las narrativas recordadas, que describen su subordinación a innumerables trabajos en la infancia y sus luchas diarias por alfabetizarse, que, de hecho, los visibilizan y denuncian una sociedad que siempre los ha ignorado o incluso no los ha respetado en sus derechos sociales, haciéndolos invisibles. En ellos, ancianas negras recuerdan un pasado de muchas invisibilidades e insatisfacción con las palabras escuchadas y vividas. Mujeres negras, lavanderas, curanderas, trabajadoras domésticas, que desde pequeñas han luchado por conquistar sus espacios de palabra a través del saber popular, en espacios de alfabetización y de aprendizaje de su herencia ancestral. El objetivo es visibilizar los caminos formativos, las invisibilidades por el hecho de ser mujeres y las prácticas de alfabetización social vividas en contexto. El perfil de nuestra investigación es de carácter cualitativo-etnográfico con historia oral y de vida. Como metodología utilizamos la etnografía y una guía de entrevista semiestructurada. Los resultados son luchas por la reexistencia histórica de la identidad afrodescendiente que desean sentirse parte de una comunidad que vive una vida alfabetizada y visible, revelando sus voces que denuncian y exigen los mismos hogares y espacios de habla.

Palabras clave: Memorias; Literatura; Mujeres mayores negras; Invisibilidades.

INTRODUÇÃO

Memórias, letramentos e invisibilidades de mulheres idosas negras descrevem os percursos de algumas mulheres autodeclaradas negras, na faixa etária de 60 a 90 anos de idade, em São Francisco do Conde, na Bahia, em um tempo que irão narrar suas memórias e letramentos a partir de suas histórias de vida.

Histórias com enredos e acesso à memória, aos letramentos e as muitas formas de reexistências¹ frente às invisibilidades e cenários desfavoráveis a sua formação identitária², escolar e social. São histórias carregadas de riquezas memoráveis e narrativas ressignificadas por idosas negras, que em suas lembranças, revelam seus sofrimentos, lutas, esperanças, mas também, muitas vitórias.

Os resultados e desfechos dessas narrativas estão representados nas inúmeras lutas de reexistência ao trabalho infantil escravizante e do acesso aos bens culturais e sociais vividos ao longo de suas histórias para ocupar seus lugares de fala, exigindo as visibilidades que sempre mereceram.

Meu acesso a essas mulheres idosas negras e suas histórias deu-se aos poucos, quando tive a oportunidade de ser convidado para dar aulas em um projeto de ensino para uma comunidade afrodescendente, que pretendiam conhecer e aprofundar o mundo da leitura e da escrita. Algumas delas quase não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola de maneira contínua e com normalidade, pois os trabalhos na roça, nas cozinhas, na maré ou nas lavagens de roupas, as retiraram desse universo de ensino-aprendizagem.

Com olhares de desconfiança e curiosidade lançados sobre um homem branco, que estabelecia os primeiros contatos com essas mulheres, fiz-me observador e, ao mesmo tempo, quis conhecer um pouco das histórias de cada uma delas, apresentando-me e descrevendo de onde eu vinha; quais meus objetivos ali e as possibilidades que seriam construídas a partir dos saberes compartilhados a partir de então.

¹ O uso da categoria “reexistência” requer tomar por base, numa perspectiva sócio histórica, aspectos da visão de um sistema contestado e deslocado a favor de uma população que repensa e atribui sentidos sociais a sua luta.

² Daí entendermos formação identitária como um “texto representativo” elaborado por alguém, nos moldes de uma produção de sentido específica, um processo de identificação, que “pode funcionar como afirmação ou como imposição de identidade”.

Pude ver em suas expressões, sinais de compreensão, aceitação e identificação por mim e por minhas propostas de ensino-aprendizagem, baseadas nos saberes culturais que elas viveram e agora teriam oportunidades para rememorar suas lembranças e ressignificar suas narrativas.

O recorte e interesse sobre as memórias, letramentos e invisibilidades de mulheres idosas negras recaiam sobre essas escutas e atravessamentos, que em narrativas, percorreram parte da ancestralidade presente em cada uma dessas idosas. Um misto de memórias e narrativas que mais pareciam estar presentes e ecoantes em protestos e reivindicações por identidades herdadas.

As colaboradoras deste estudo, seis mulheres idosas negras e a maior parte de suas histórias aqui rememoradas situam-se em São Francisco do Conte, município localizado no Recôncavo Baiano, na microrregião de Salvador. Está a cerca de 70 quilômetros da capital baiana; possui três distritos: Sede, Mataripe e Monte Recôncavo e quatro ilhas: Bimbarras e Cajaíba (particulares), Fontes e Paty (domínio público).

A cada convite que eu recebia para participar de eventos culturais, de letramentos em igrejas, associação de moradores, terreiro de candomblé, reza cantada e organizações festivas particulares, onde as idosas fossem presença marcante, lá eu estava presente. Tinha muita sede em aprender com elas como tudo acontecia, por meio do meu olhar atento e direcionado a objetivos que seriam traçados mais adiante. Participação e entrega, engajamento e inserção na vida social foram marcas neste processo.

Os novos conhecimentos e as experiências acumuladas nesses encontros levaram-me a planejar alguns objetivos necessários a evidenciar, por meio das trajetórias de vida dessas idosas, seus percursos formativos e os eventos vivenciados no contexto sociocultural da comunidade em diálogo com as práticas culturais de letramentos. Ver nas tradições culturais e ancestrais a possibilidade de rememorar-las através dessas idosas, que juntas ensinavam e aprendiam, passando seus conhecimentos na hora de construir o roteiro de como seria essa ou aquela celebração, dava em mim mais impulso para querer seguir descobrindo mais memórias.

Foram a partir dessas mulheres idosas negras e alguns episódios de letramentos, tais como reuniões da comunidade que definiam as festas populares e religiosas; as atividades manuais e artesanais das senhoras, que, enquanto teciam ou cozinhavam, relatavam suas histórias ou narrativas ancestrais de seus antepassados,

revelando saberes e sabores letrados que íamos construído nossa escrita de visibilidades e tradições.

Por fim, as análises sobre as memórias e letramentos vividos pelas idosas, que enriqueceram nossa pesquisa, demonstrando que suas lutas e reexistências nunca ficaram no pensamento pessimista, mas nas esperanças e estratégias que seus letramentos adquiridos ao longo da vida lhes mostraram como possibilidades de fazer valer seus sonhos e não somente a reconhecer seu lugar de fala como reconhecer seus direitos, bem como gritar por eles.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

As leituras e abordagens teóricas utilizadas para a construção das memórias, letramentos e invisibilidades de mulheres idosas negras apontaram para aspectos importantes e indispensáveis para o mundo da mulher negra, dos letramentos, das invisibilidades e das narrativas rememoradas. O letramento como uma prática social de uso da leitura e da escrita, na perspectiva de seus usos e na aplicabilidade social e política, portanto, ideológico (Graff, 1991; Green, 2001; Kleiman, 1996; Luke, 1996; Scribner; Cole, 1981; Street, 2003, 2001, 1995, 1984), nas possibilidades para novas visões do letramento, situando a leitura e a escrita em seus contextos sociais (BARTON, 1994) e à luz dessa ideia, reconhecer, entre outros aspectos, que não há apenas um letramento e sim letramentos (Street, 2003, 2001, 1995, 1984; McKay, 2001, 1993; Gee, 2000; Hamilton; Barton; Ivanic, 1993; Rojo, 2001b; 2004; Marcuschi, 2001 etc.).

Outro cenário diz respeito à cultura que representa um conjunto de valores ou significados compartilhados, sendo a base fundamental da linguagem como processo de significação, como sistema de representação, ressaltando o caráter público e social da linguagem que não pode ser um jogo inteiramente privado (Hall, 2016); é contexto, onde esses fatos, comportamentos, instituições, etc., podem ser descritos de forma inteligível, com densidade (Geertz, 1989); aprender culturas significa aprender normas, valores e costumes, aquilo que se realiza, unicamente, no contato com o outro, porque, isolado, ninguém pode aprender aquilo que se constrói socialmente. Daí que somente formamos ou construímos nossas identidades no diálogo com outras pessoas e outras culturas (Paraquett, 2010).

A identidade que indica a cultura à qual os idosos estão inseridos, compartilhando com outros membros do grupo, suas tradições, crenças, preferências, memórias, narrativas e eventos de letramentos, determinando fatores da identidade que reforçam suas histórias pessoais ancestrais, seu lugar de fala, sua etnia e saberes construídos. O conhecimento do passado, socializado através dos relatos dos mais velhos aos mais jovens, é um fator importante na construção e reafirmação da identidade coletiva no presente (Rosaldo, 1980).

As idosas aqui representadas apresentam a construção identitária que é um processo determinado e dinâmico que ocorre com o indivíduo durante toda a sua vida e o determina com expressão e interação com o mundo. Essa identidade é um processo de constante metamorfose, pois o ser humano como um ser ativo está em permanente transformação, em um processo não linear em que os fenômenos são considerados e analisados em seus movimentos recíprocos e contínuos de interação (Ciampa, 2011).

A identidade de um indivíduo é construída na relação com os diversos grupos de pertencimento, ou seja, a identidade encontra-se apoiada nos grupos ao qual o indivíduo pertence e nas relações que vai produzindo e efetivando ao longo do tempo (Campedelli, 2009).

Desse modo, não é possível pensar o conceito de identidade sem pensar na sua relação com a memória. Da constituição de nossa identidade, de qual material somos constituídos, o nosso DNA biológico e cultural que pode ser inventariado pela memória.

Sendo assim, em nossa escrita é possível encontrar, por meio das narrativas rememoradas, o letramento, a cultura, a identidade e a invisibilidade, que entre narrativas e memórias das experiências de vida serão dialogadas com as práticas, narrativas e invisibilidades de mulheres idosas negras, permitindo ao leitor perceber a grande contribuição para estes campos da pesquisa, principalmente para os estudos de grupos antes negligenciados, a exemplo das comunidades que demarcam a cidade de São Francisco do Conde, inserida em um contexto de lutas por disputas de espaços de fala, memórias e conquistas celebradas a cada batalha vencida, seguem reexistindo, lutando e evocando suas memórias, narrativas e trajetórias de vida, contribuindo significativamente para a construção da autoimagem do grupo e construindo histórias que servem para legitimar suas lutas e celebrarmos suas vitórias.

Memórias que seguem movimentos inconstantes, incertos e muitas vezes emocionados, trazendo consigo as lembranças vividas em contextos de subalternidade, nas quais registramos as narrativas das idosas e de como seus letramentos e suas memórias marcam a vida delas e também as nossas, que experimentamos a partir das convivências. “A memória é este lugar de refúgio, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado [...]” (Pinto *apud* Brandão; Mercadante, 2009, p. 46).

Diante desses atravessamentos, busquei aproximar-me e iniciar uma investigação que resultou nas memórias, letramentos e invisibilidades de mulheres idosas negras, podendo ressignificar as narrativas de nossas idosas, aqui representadas neste estudo, em contextos que vão “conceber o indivíduo ancorado na percepção de si mesmo como ser singular, dando visibilidade às ideias de trajetórias de vidas, ciclos de vidas, projeto de vida e percepção de uma memória individual importante para não homogeneizar um grupo tão heterogêneo” (Barros 2004 *apud* Nascimento; Rabêlo, 2008, p. 3).

Nestas narrativas, as mulheres idosas negras remontam um passado de muitas invisibilidades e descontentamentos com as palavras escutadas e vividas que agora ecoam em suas memórias. Mulheres negras, lavadeiras, benzedeiras, empregadas domésticas que, desde a infância, lutam para conquistar seus espaços de fala por meio de saberes populares, em espaços de letramentos e de seus aprendizados de herança ancestral. É a marcação de um feminismo negro que se impõe ao longo de suas histórias, refletindo como é possível escutar a voz das mulheres negras, que são constantemente silenciadas, segundo reflexões de Sueli Carneiro (2019), Jurema Werneck (2000), Núbia Moreira (2019), Lélia Gonzalez (1989), Beatriz Nascimento (2015), Luiza Bairros (1995), Cristiano Rodrigues (2006), Audre Lorde (1996), Patrícia Hill Collins (2017) e bell hooks (2000), entre outras.

Um pensamento negro e feminista, aparentemente distante da realidade de nossas idosas, mas que, em sua época, elas viveram muitas das experiências de subalternidades e invisibilidades, que até o presente momento, mulheres negras experimentam em seu cotidiano. Exemplos de muitas lutas e reexistências que devem ser ancoradas na persistência de quem luta por seu lugar de fala.

2. METODOLOGIA

Para cumprir com os objetivos de ter acesso às memórias, letramentos e invisibilidades de mulheres idosas negras, busquei conhecer as histórias de vida e, através delas, aproximar-me dos eventos e culturas locais de letramentos, descrevendo a metodologia que desenvolvi para realizar este trabalho. Utilizei-me da pesquisa de natureza qualitativo-etnográfica conjugada com a técnica da história oral e de vida. Selecionei seis idosas por meio de contatos em eventos culturais e de letramentos, com as quais conversamos a partir de um roteiro de algumas perguntas semiestruturadas, acerca dos sentidos que suas memórias, letramentos e *modus vivendi* narram suas invisibilidades.

O roteiro foi elaborado a partir dos nossos encontros e perspectivas etnográficas, definindo quais materiais seriam utilizados e, conseqüentemente, quais seriam identificados e transcritos para nosso processo de construção e ressignificação das memórias de letramentos, identificando quais idosas participariam da pesquisa, buscando a melhor forma de chegar até elas, agendando dia, horário e melhor ambiente para as gravações de suas memórias e narrativas, as quais gerariam os dados da pesquisa.

Ao formular as questões, tive o cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. Perguntas feitas, levando em conta a sequência do pensamento do pesquisado, ou seja, procurando dar continuidade na conversação, conduzindo a entrevista com certo sentido lógico para a entrevistada. Porque, como instrui Bourdieu (1999, p. 39), “Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado [...]”.

As entrevistas semiestruturadas aqui apresentadas combinaram perguntas abertas e fechadas, onde a informante teve a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Como pesquisador, segui um conjunto de questões previamente definidas, em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. Estive atento para dirigir, no momento que achei oportuno, a discussão para o assunto que nos interessava, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou que nos ajudaria a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tivesse dificuldades com ele.

Este tipo de entrevista colaborou muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos das informantes que determinaram significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas delas e a maior liberdade que tiveram, potencializaram questões inesperadas ao entrevistador que foi de grande utilidade em minha pesquisa.

Nestas entrevistas, tive a possibilidade de utilizar recursos visuais, como cartões, postais, fotografias, o que pode deixar a entrevistada mais à vontade e fazê-la lembrar de fatos, o que não seria possível em um questionário, por exemplo, (Sellitz *et al.*, 1987).

À medida que íamos avançando em nossas memórias e lembranças, por meio das entrevistas, estive sempre pronto a enviar sinais de entendimento e de estímulo, com gestos, acenos de cabeça, olhares e sinais verbais como de agradecimento, de incentivo. Isto facilitou muito nossas trocas, nossas relações. Essas atitudes fizeram o pesquisado saber que o pesquisador estava atento, escutando a sua narrativa, procurando intervir o mínimo possível para não quebrar a sequência de pensamento da entrevistada. As entrevistas proporcionaram à pesquisada bem-estar com a finalidade de poder falar sem constrangimentos de sua vida, acesso à escola e de suas inúmeras invisibilidades nos ambientes de dominação branca.

Assim, as perguntas foram sendo compreendidas e respondidas de maneira própria e pertencente a cada uma delas, narrando sobre quem eram; sua idade, casada, solteira, viúva; com filhos, netos, bisnetos; sobre ter uma profissão, uma religião; ter estudado até qual série; sua participação em grupos de samba, culturais, religiosos; atividades diárias que as caracterizavam enquanto sujeitos. Tudo de maneira bem livre e descontraído, podendo ser interrompido a qualquer momento, sob qualquer dúvida ou pergunta que ela tivesse durante esse percurso.

Outro movimento metodológico foi descobrir as memórias de como elas aprenderam a ler e a escrever, questionando sobre a importância desse processo, as dificuldades e se voltaram ou ainda voltariam à escola, solicitando que nos dissesse sobre essas experiências e quais benefícios ou prejuízos esses processos marcaram suas vidas, traduzidas aqui em narrativas. Antes, porém, refletimos que as memórias são elementos fundamentais no processo de construção identitário, tanto as chamadas “memórias-hábitos”, exigência dos processos de socialização, quanto às “memórias-lembrança”, aquelas que trazem “[...] à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida [...]” (Bosi, 2004, p. 49). Para Bosi

(2004), as “memórias-lembrança” são, para as pessoas idosas, as mais significativas. Para esta autora, as lembranças, para os sujeitos velhos, representam as substâncias de suas próprias vidas, no presente.

Acessar as lembranças referentes aos prazeres de aprender a ler e/ou escrever, perguntando qual era o mais importante para eles, além de lançarmos a proposta de voltar à escola hoje, caso tivesse a oportunidade, o que fariam? Entre nossas perguntas estava uma sobre gênero e geracional, onde perguntávamos sobre o que eles achavam de a mulher idosa aprender a ler e a escrever. Provocamos seu posicionamento diante de uma frase comum e popular, a fim de saber se estavam ou não de acordo com a frase. Queríamos também saber se elas tinham um projeto de vida, caso voltassem a estudar. Ademais, foi um momento no qual as entrevistadas expuseram seu posicionamento “político-ideológico” diante das provocações de aprendizagem.

Do roteiro de entrevista saíram questionamentos que tratavam das lembranças referentes ao “tempo passado” da história dos escravizados, das práticas culinárias, culturais e religiosas vividas, contadas ou sabidas em família e na comunidade de São Francisco do Conde, bem como perguntas sobre o interesse da juventude por esse passado histórico e sobre o interesse pela leitura e escrita delas; como viam o futuro dos jovens e da cultura nesta cidade. Assim, queríamos saber em que medida essas memórias agora narradas, lembrava aspectos importantes para a valorização e ressignificação de seu legado cultural, educacional, histórico e religioso.

Por fim, pretendíamos saber como as idosas se sentiam, ao participar de alguma cerimônia religiosa, onde há eventos de letramentos, perguntando a elas, como era seu sentimento ao escutar alguém ler ou mesmo se fosse convidado a fazer uma leitura, já que mensagens Bíblicas são lidas e compartilhadas pela comunidade. Ademais, nós queríamos instigar as idosas a expor suas opiniões, os momentos que elas mais leem e quais seriam as contribuições que elas poderiam deixar para que sua cidade valorizasse mais a leitura, a escrita e as manifestações culturais, bem como as visibilizassem enquanto mulheres negras importantes para a sociedade.

A partir do que foi apresentado, percebeu-se que este roteiro de entrevista foi pensado a partir das perguntas de pesquisa, com o intuito de respondê-las, encaminhando-se para dar conta das memórias, letramentos e invisibilidades de mulheres idosas negras que, em suas lutas diárias e de reexistências, romperam com a descrença de serem elas sempre subalternizadas, sem chances de modificar tal

realidade. Elas criaram possibilidades, esperanças e estratégias que fizeram valer seus percursos e ocupação de seus verdadeiros espaços de fala e reconhecimento social.

3. ANÁLISES, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS GERAÇÕES DE MULHERES IDOSAS EM NARRATIVAS NEGRAS

O recorte etário privilegiado neste estudo se fez a partir do entendimento de que a trajetória do idoso varia grandemente, tanto na história, quanto no espaço, nas diversas sociedades e grupos de que participam, a depender de uma diversidade de fatores e configurações sociais, tendo como pressuposto que nas comunidades, inclusive em São Francisco do Conde (BA), as memórias dos idosos têm sua importância para a conservação das tradições e para as tomadas de decisões do grupo. Sendo assim, qualquer reflexão sobre a vida social dos idosos será sempre a das relações históricas entre as gerações, situadas em contextos sociais (Motta, 1998, p. 1).

É neste aspecto que, por meio dos relatos das pessoas idosas, podemos perceber que as ações que as gerações passadas realizaram sobre o espaço permitem que haja uma continuação através das gerações que seguem. Geração entendida em termos de idade (grupos e categorias de idade), jovem e idosa (Motta, 2010).

As gerações de mulheres mais idosas foram frequentemente silenciadas ou abafadas pela sociedade ou mesmo pela própria família, quando estas são desrespeitadas e invisibilizadas somente por serem mulheres idosas, que demandariam proteção e tranquilidade, por estarem mais suscetíveis aos maus-tratos, à negligência e a exploração financeira como vários casos passíveis de julgamentos.

Nestas narrativas, as mulheres idosas negras remontam um passado de muitas invisibilidades e descontentamentos com as palavras escutadas e vividas que agora ecoam em suas memórias. Mulheres negras, lavadeiras, benzedeiras, empregadas domésticas que, desde a infância, lutam para conquistar seus espaços de fala por meio de saberes populares, em espaços de letramentos e de seus aprendizados de herança ancestral. É a marcação de um feminismo negro que se impõe ao longo de suas histórias.

Muitas destas idosas reúnem até hoje, ao redor de si, boa parte da população de São Francisco do Conte, pois elas representam a cura para seus problemas pessoais e espirituais. São mulheres que transmitem fé, esperança e compaixão à medida que com o uso de algumas folhas colhidas, ali na mata próxima de casa, pronunciam poucas palavras, enquanto as passa pelo corpo, da cabeça aos pés, de quem ali esteve em busca de algo que a benzedeira poderia lhe oferecer. Uma visão encantadora dentro de um fenômeno todo especial para quem observa e a certeza de cura para quem está no processo. São verdadeiros exemplos de eventos de letramentos.

Ribeiro, em *Quem tem medo do feminismo negro*, resgata uma de suas memórias na relação com sua avó, D. Antônia, escrevendo:

No dia em que atendia, uma fila se formava quarteirão afora e a gente precisava brincar na rua para não atrapalhar. Eu costumava ficar ouvindo embaixo da janela e saía correndo quando ela percebia. Até hoje guardo a memória olfativa da casa dela, um misto de boldo, incenso de arruda, o feijão que só ela sabia fazer e o doce de abóbora com coco. Quando eu sentia dor de barriga, ela pegava uma erva do quintal e fazia um chá. Ela me benzia e depois entregava a bebida. Se demorasse a passar, ficava apertando minha barriga enquanto murmurava algo inaudível. (Ribeiro, 2018, p. 7).

Relações semelhantes foram possíveis perceber entre as mulheres idosas desta pesquisa, pois algumas delas não somente apresentavam a sabedoria do universo da cura, através das folhas, mas sempre tinham um carinho, conselho ou pensamento a ser dado para diminuir nossos sofrimentos ou lamentações. Trançar os cabelos de suas netas e limpar as feridas, após as travessuras de criança, eram formas de amor e cuidados oferecidos por essas senhoras. Toda confiança depositada, em senhoras negras, que detêm o saber e o empoderamento negro diante de uma sociedade que sempre insistiu em ignorá-las e colocá-las em um não lugar.

Mulheres negras, pobres e desacreditadas diante de uma sociedade branca e patriarcal são reflexões e narrativas que se juntam aos escritos de Gonzalez, citada por Ribeiro (2018, p. 16), criticando a ciência moderna classificatória, hierarquizadora de saberes pertencentes apenas aos brancos, descartando a possibilidade de mulheres negras estarem em igualdade de condições diante desta teoria de supremacia eurocêntrica.

Com base nestas perspectivas feministas negras, González nos oferece a compreensão de imagens de mulheres negras idosas, empregadas domésticas, que

estiveram boa parte de sua infância dentro das cozinhas dos brancos, escravizadas muitas vezes por um prato de comida ou algumas poucas moedas, não vivendo sua infância e distante de construir e reconhecer seu lugar de fala.

Neste sentido, Ribeiro (2018, p. 16) cita, entre muitas memórias, a de sua mãe, empregada doméstica, obrigada a aceitar um lugar de não escolha, pois “[...] afinal, que escolha tinha uma mulher do interior de São Paulo que fora forçada àquele trabalho desde os nove anos?”.

As narrativas de nossas idosas são semelhantes às vivenciadas pela mãe de Ribeiro, visto que diante dos desprestígios impostos pela sociedade de sua época, foram obrigadas a trabalhar nas cozinhas dos brancos. Assim, uma das participantes relata:

Eu tinha uma madrinha que era uma coisa que eu sempre dizia, quando era menina, se algum tempo eu me casasse, eu não dava um filho meu a ninguém que tivesse mais um poder para ser madrinha, porque minha madrinha me explorava. Eu com sete anos me lembro! Ela fazia manteiga, fazia requeijão, colocava aquelas vasilhas que colocava tudo de molho, aquelas panelas, então ela me botava para lavar aquelas panelas e naquela época não tinha Bombril, tinha mesmo o sabão de massa e ela me coloca para lavar aquelas panelas. Aí, naquelas panelas, era uma folha que se chamava caicara que a gente lavava, passava bem para tirar o carvão para depois, então, passar areia com a bucha para a panela ficar limpinha. Então, na época, era muito menina ainda, tinha sete anos, minha vó me botava para lá porque eu era criada com minha vó e minha madrinha era muito... ela dizia que seu trabalho hoje vai ser o dia todo. Você vai lavar as panelas. Eu ficava e botava aquelas panelas no chão com aquele baldinho, vasilha com água e ariava e quando eu terminava, estava suja de carvão da cabeça aos pés. Aí ela ia corrigir. Se tivesse um pouquinho assim (demonstra com os dedos) de nada na panela do carvão, ela me botava para lavar tudo de novo, mas me ensinou muita coisa, ótimo. (Sabrina)

Estas denúncias trazem consigo muitas memórias de um passado roubado, cheio de posicionamentos escravizantes por pessoas que se diziam parentes. Mas a experiência relatada apresenta uma criança sendo forçada a cumprir tarefas domésticas, como forma disfarçada de aprendizagem e punição velada ao não cumprir corretamente com suas obrigações. O medo de ser punida; o desejo de logo acabar para se ocupar do que verdadeiramente sua idade desejava (brincar); a tensão que se instalava entre o adulto e a criança, entre muitos outros receios que foram vividos nestas relações. No entanto, ainda assim, ela diz ter aprendido muito com toda essa situação e que sua madrinha lhe ensinou muita coisa boa, que ela mesma achou

ótimo! Talvez uma aceitação carregada pelo silenciamento e invisibilidade vivida por tanto tempo.

Para sair do anonimato, ganhar visibilidade e não repetir a mesma história delas, as mulheres negras idosas tiveram como princípio a luta diária para que seus irmãos, filhos e netos estudassem, pois assim poderiam se afastar das condições de subalternidades impostas, sem estar dependendo de outras pessoas. Esse princípio faz parte da narrativa e das memórias de nossa querida Euzébia, que tendo sido criada por uma madrinha e trabalhado como empregada doméstica, casou-se e teve seis filhos, sendo:

Uma professora; duas enfermeiras, o outro estudou até o terceiro ano e não quisera mais estudar e nem fazer nada; duas até o ginásio, e o mais novo desempregado. Estou aqui lutando mais ele! Coloquei ele na escola; coloquei até minha altura, quando formaram para continuar e entrar na faculdade essas coisas todas, mas também não tinha condições e aqui é mais difícil! Agora tem carro para levar e trazer, mas na minha época não tinha. Como Chica e Meire que pagava carro para ir estudar fora porque nesse tempo não tinha carro e hoje já tem.

Nossa participante entendeu que o caminho para sair de um não lugar e fazer parte do próprio lugar de fala seria através dos letramentos, dos estudos e da formação acadêmica, que soava para ela como elemento único da quebra de ciclos de imposições ao longo da história. Desejava que os seus tivessem um futuro melhor e mais promissor. Não queria ver repetida sua história em nenhum deles. Uma luta que demanda uma consciência social política vivida por uma mulher negra.

Segundo relatos do feminismo negro, essas mulheres negras exerciam funções com pagamentos ruins, ambientes hostis e sem segurança. Isso porque, com o fim da escravidão, essas pessoas precisaram buscar empregos que pudessem ajudar a manter a família e seus lares. Esse cenário se manteve intacto por décadas, já que o feminismo negro não tinha voz entre as pautas brancas.

De maneira geral, o feminismo tem como objetivo principal uma sociedade sem hierarquia de gênero, onde geralmente é utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão. Ou, como disse Amelinha Teles na introdução de Breve história do feminismo no Brasil:

Falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que

isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos [...]. (Teles, 1999, p. 9).

A fala de Teles reproduz sentimentos que percorrem o mundo a fora e rompe barreiras, esperando momentos vividos na exclusão, mas também oferecendo possibilidades de luta contra sistemas e formas de subserviência e ausência de fala diante das vicissitudes da vida, criando espaços de transformações que revolucionam e modificam seu cotidiano com acesso a direitos anteriormente negados. É poder declarar e denunciar a falta de privilégios como conta nossa amável Cremilda:

Me sinto uma mulher feliz, milionária! Hoje eu tenho televisão, cama box; tenho ventilador, graças à Deus! Tenho tudo. Antigamente, eu não tinha nada, dormia no colchão. No colchão não, na folha de bananeira. Percevejo, que nunca vi tanto percevejo na minha vida! O lençol era de saco. Tomar banho de sabonete, meu Deus, nunca na minha vida, a minha infância toda. Escovava os dentes com uma folha que se chama folha de papagaio, que espuma. Eu pegava a folha; eu sempre fui vaidosa! Eu passava nos dentes. Pegava folha de manjeriço, machucava, colocava dentro de um frasco e guardava e quando ia tomar banho passava que era meu perfume. É brincadeira?

Essas narrativas reforçam o difícil acesso aos bens de consumo, bem como questionamentos de uma mulher que cresceu aprendendo a trabalhar desde os 9 anos de idade como empregada doméstica, mas com os mesmos desejos de pessoas brancas sobre o cuidado de si e de tudo que a sociedade dispunha. Ela criou estratégias de enfrentamento para se aproximar de direitos anteriormente negados e se inspirou, em suas próprias lutas diárias e nas experiências vividas ao lado de adultos, que sequer notavam sua presença como mulher com as mesmas necessidades de toda e qualquer pessoa do seu gênero.

Essas mulheres negras existem e precisam ser visibilizadas ao contrário da exclusão que sofrem a cada dia. Elas rompem com a universalidade e instituem suas pautas e necessidades, demarcando seus lugares de fala. São muitas as estudiosas e pensadoras brasileiras e estrangeiras que refletem como é possível escutar a voz das mulheres negras, que são constantemente silenciadas, segundo reflexões de Sueli Carneiro (2019), Jurema Werneck (2000), Núbia Moreira (2019), Lélia Gonzalez (1989), Beatriz Nascimento (2015), Luiza Bairros (1995), Cristiano Rodrigues (2006), Audre Lorde (1996), Patrícia Hill Collins (2017) e Bell Hooks (2000).

Nesta vertente encontramos as idosas negras de São Francisco do Conde, que representam a resistência de um povo que sempre lutou por seus espaços de fala e respeito a seus direitos e tradições ancestrais afrodescendentes. Idosas que demonstram, acessando suas memórias, suas narrativas e emoções que rememoram suas histórias e demarcam suas reexistências aos desafios impostos pela sociedade e pelos poderes públicos.

A Sra. Sabrina, após ter contado sua linda história de vida, oferece a preciosidade de alguns detalhes sobre a época em que teve que ser criada pela avó, depois da morte do pai, iniciando sua vida, ainda na infância como empregada doméstica ou cuidadora de outras crianças. Um desses episódios reforça o estereótipo da mulher negra, que desde cedo teve como obrigação, ajudar a família no sustento da casa. Nossa participante recebeu a missão de sair de um pequeno povoado onde morava para a cidade grande e seus desafios, como pegar bonde, sendo quase acometida por uma tragédia diante de seus medos e constituição física. No entanto, essa mesma garota criou coragem e enfrentou um adulto, rompendo com a estrutura de poder naquele momento:

[...] aí eu disse: — Olhe, minha vó - eu chamo minha vó de mãe. Olhe mãe, não vou ficar aqui não; não vou nesse trabalho mais não. É muito sacrifício para vim embora, tenho medo! Aí, minha vó disse: não, não quer ficar, vou arranjar a casa de uma criatura que tem uma criança para você tomar conta, você vai. Eu, aí fui. Não sabia nem quanto de dinheiro iria receber. Aí tomei para mim e foi ótimo! Eu me adaptei mais, eu gostava muito de criança, fiquei com a criança e lá fui me desarrando e fui levando minha vida, passando os tempos.

Percebam que a criança não pode ter vez diante das decisões do mundo adulto, mas teve voz (empoderamento) ao expressar seus receios e dificuldades que a impediam de executar as funções a ela atribuídas. Não houve silenciamento diante de sua solicitação, mas uma resposta mais compreensiva que a colocou, em outro entre lugar, onde talvez pudesse alcançar, quem sabe, seus verdadeiros desejos e sentimentos. A dimensão afetiva talvez tenha trazido maior conforto para ela, podendo de alguma forma, fazer daquela situação de exploração do trabalho infantil uma cena mais palpável. Portanto, enfrentamentos e empoderamentos que começavam a ser construídos mesmo sem ter consciência de este grande poder.

Sendo assim, as memórias, letramentos e invisibilidades de mulheres idosas negras, se entrecruzam com sentimentos individuais, mas que estão implicadas em causas coletivas, pois essas mulheres têm algo em comum. Elas participam de

espaços privilegiados não a elas, mas a outras mulheres brancas, onde o feminismo negro solicita que mulheres negras tomem consciência social sobre seus direitos, ultrapassando e superando a realidade a qual pertence, produzindo resultados mais democráticos e coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias, letramentos e invisibilidades de mulheres idosas negras ressignificam narrativas que foram construídas ao longo de uma vida. São processos do cotidiano, envolvidos em atravessamentos e realidades que rememoram suas infâncias e lutas para sobreviver em um sistema que nunca privilegiou crianças, mulheres, negras e idosas. Realidades que fizeram dessas pessoas, construtoras e sabedoras de mecanismos e estratégias de reexistência para sobreviver e narrar suas dores e sabores por meio de suas memórias.

Os resultados e desdobramentos dessas narrativas estão representados nas inúmeras lutas de reexistência ao trabalho infantil escravizante, quando seu desejo era poder brincar com a boneca e do acesso aos bens culturais e sociais vividos ao longo de suas histórias para ocupar seus lugares enquanto mulheres negras, exigindo as visibilidades que sempre mereceram.

A construção de suas identidades se revela em um processo dinâmico que vai ocorrendo com cada uma delas durante toda sua vida, que vai apresentando suas interações com o mundo, por meio de seus questionamentos e posicionamentos frente a situações adversas das quais participam. Sonhos e realidades que caminham juntos para o alcance de falas que as situem em seus lugares de fala.

Memórias que a todo o momento são revividas, trazendo consigo lembranças de dores e sofrimentos, em ambientes de subalternidades e invisibilidades, que apresentam as marcas de quem quis aprender a ler e a escrever, bem como acessar direitos tão comuns a todo ser humano. As emoções dessas idosas negras são representadas na mudança de suas fisionomias, que se enrugam, trazendo lágrimas que escorrem por suas faces.

As idosas não ficam revivendo suas memórias, lamentando suas invisibilidades e subalternidades, mas fazendo uso delas para demonstrar o quanto aprenderam ao longo da vida e ensinaram a muitas pessoas, os segredos da reexistência e as

caminhadas a serem trilhadas para chegar a realizar seus próprios sonhos, desejando, nem que fossem por meio da formação de seus filhos, netos e parentes, as possibilidades para que os mesmos não passassem pelas mesmas dificuldades e invisibilidades que elas passaram.

Sendo assim, memórias e letramentos de mulheres idosas negras nos oportunizam ler e compreender entre suas narrativas, os reflexos e caminhos percorridos dentro de uma perspectiva de quem não se curvará, bem como não se calará quando o assunto for reconhecer seus direitos e neles reconhecer que sua visibilidade deve ser considerada e celebrada como seus próprios sonhos, desejos, vontades e direitos respeitados e valorizados sempre, independente de qualquer julgamento feito por esta ou aquela sociedade.

REFERÊNCIAS

BAIROS, L. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 3, n. 2, p.458-463, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BARTON, D. ; HAMILTON, M. Práticas de letramento. *In*: BARTON, D. ; HAMILTON, M. ; IVANIC, R. (org.). **Situated literacies**. Trad. Glícia A. T. London: Routledge, 1993.

BARTON, D. **Literacy**: An introduction to the ecology of written language. Oxford, UK; Cambridge, USA: Blackwell, 1994.

BAZO, M. T. Aportaciones de las personas mayores a la sociedad: análisis sociológico. **Revista de Investigación Sociológica**, n. 73, p. 209-222, 1996.

BRANDÃO, V. M. A. T.; MERCADANTE, E. F. **Envelhecimento ou Longevidade?** São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano; 8).

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMPEDELLI, M. A. **A identidade do velho no mundo contemporâneo**. 2009. 237 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história de Severina**. 9. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CIAMPA, A. da C. Identidade. *In*: CODO, W.; LANE, S. T. M (org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2011. p. 58-75.

COLLINS, P. H. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e, além disso. Tradução: Ângela Figueiredo e Jesse Ferrell. **Cadernos pagu**, v. 51, p. e175118, 2017. (Publicado originalmente em 1996 no Black Scholar Journal).

GEE, J. P. **Social Linguistics and literacies: ideology in discourses**. 2. ed. Baskerville, UK: Taylor & Francis, 2000. (Publicado anteriormente entre 1990/1996).

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In*: GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92-3, p. 69-82, jan./jun. 1989.

GRAFF, H. J. The legacies of literacy: Continuities and contradictions in western society and culture. *In*: CASTEL, S. de; LUKE, A.; EGAN, K. (ed.). **Literacy, Society, and Schooling: a reader**. USA: Cambridge University Press, 1986.

GRAFF, H. J. **The literacy myth: Cultural integration and social structure in the 19th century**. USA: Transaction Publishers, 1991.

GREEN, P. Critical literacy revisited. *In*: FEHRING, H.; GREEN, P. (ed.). **Critical Literacy: a collection of articles from the Australian Literacy Educators' Association**. Canada: International Reading Association & Australian Literacy Educators' Association, 2001.

HOOKS, B. **Feminism is for Everybody: Passionate Politics**. Cambridge, MA: South End Press, 2000.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

LORDE, A. Man Child: A Black Lesbian Feminist's Response. *In*: LORDE, A. **The Audre Lorde Compendium: Essays, Speeches and Journals**. London: Pandora, 1996. p. 124-131.

LUKE, A. Genres of power? Literacy education and the production of capital. *In*: HASAN, R.; WILLIAMS, G. (ed.). **Literacy in society**. New York: Longman, 1996.
MCKAY, S. L. **Agendas for second language literacy**. New York: Cambridge University Press, 1993.

MCKAY, S. L. Literacy and Literacies. *In*: MCKAY, S. L.; HORNBERGER, N. H. (ed.). **Sociolinguistics and language teaching**. Cambridge University Press, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. *In*: SIGNORINI, I. (org.). **Investigando o oral e o escrito e as teorias de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MOREIRA, N. R.; EVANGELISTA, N. J.; SANTOS, J. P. L. dos. A experiência feminina negra e suas interrogações à política e prática curriculares. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 15, n. 32, p. 115-131, 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5046>. Acesso em: 28 out. 2022.

MOTTA, A. B. da. A maturidade e a velhice. *In*: NERI, A. L. (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**. São Paulo: Papirus, 2001.

MOTTA, A. B. da. Gênero, Idoso e Geração. **Cadernos CRH, Salvador**, v. 17, n. 42, p. 349-355, set./dez. 2004.

NASCIMENTO, A. J. R. do; RABÊLO, F. C. E. Memória e envelhecimento: narrativas sobre questões de gênero e do mundo do trabalho. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5291/4330>. Acesso em: 12 dez. 2020.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

PARAQUETT, M. **Multiculturalismo, interculturalismo e ensino/aprendizagem de espanhol para brasileiros**. Brasília, DF: [s.n.], 2010. (Coleção Explorando o Ensino; 16).

RODRIGUES, C. S.; PRADO, M. A. M. Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 445-456, 2010.

ROJO, R. H. R. Concepções não valorizadas de escrita: A escrita como "um outro modo de falar". *In*: KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 65-89.

ROJO, R. H. R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.

ROJO, R. H. R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? *In*: SIGNORINI, I. (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, p. 51-74, 2001.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCRIBNER, S.; COLE, M. **The Psychology of Literacy**. London: Harvard University Press, 1981.

SELLTIZ, C. *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2. ed. São Paulo: EPU, 1987.

STREET, V. B. Literacy and development: ethnographic perspectives on schooling and adult education. *In*: STREET, V. B. (ed.). **Literacy and Development: Ethnographic perspectives**. London and New York: Routledge, 2001. p. 42-49.

STREET, V. B. **Literacy in theory and practice**. New York: Cambridge University Press, 1984.

STREET, V. B. **Social Literacies**: Critical approaches to literacy in development, ethnography and education. New York: Longman, 1995.

STREET, V. B. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, Londres, v. 5, n. 2, p. 22-28, may 2003.

TELES, M. A. de A. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

WERNECK, J. ; MENDONÇA, M.; WHITE, E. C. (org.). **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

Jeferson Mundim de SOUZA

Doutor em Língua e Cultura da área II de Linguagem e interação, da linha da Linguística Aplicada, do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Participa do Núcleo de Estudos de Linguagens e Tecnologias. Especialista em Atendimento Educacional Especializado – AEE pela UFERSA. É professor da Educação Básica privada: Salesiano, Instituto N. Senhora do Salette, Colégio São José e Professor Formador UNEAD/UAB/UNEB.
jefersonmundim@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3802535983548337>